

VIRTUDES EPÍSTÊMICAS FUNDAMENTAIS PARA NOMEAR UM HISTORIADOR NO DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO AUSTRALIANO DE 1949.

LETHICIA QUINTO CIRERA*

Introdução:

Esta comunicação explora as virtudes epistêmicas fundamentais para nomear um escritor como historiador na Austrália em meados do século passado. Trata-se de um trabalho exploratório sobre a história da historiografia australiana que nos auxilia na busca pelos primeiros manuais de introdução à história, produzidos naquele país. A pesquisa está integrada ao projeto “Teoria da história e Didática da história” (1860-1930), desenvolvida no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Nesse projeto procuramos mapear a profissionalização do historiador e a transnacionalização do método histórico na passagem do século XIX ao XX.

Partimos da iniciativa de Percival Serle (1871-1951), que coletou sistematicamente informações biográficas desde 1929 na produção da obra que contém biografias de australianos, ou homens que estavam intimamente ligadas a Austrália, que morreram antes do final de 1942. Sua empreitada resultou no *Australian Dictionary of National Bibliography*, publicado em primeira edição no ano de 1949, em 2 volumes. Essa se tornou uma obra de referência por mais de 40 anos e apresenta grande importância não só para o período, mas também para as gerações posteriores. Contém diversas biografias feitas com o devido cuidado de aprofundar ao máximo em cada uma. É de grande importância, também, a possibilidade e facilidade de acesso a obra por meio do Projeto Gutenberg Australiano que disponibiliza hoje integralmente à obra em seu Website. Por essas razões e pelo seu corte cronológico o *Australian Dictionary of National Bibliography* foi escolhido como obra de referência para esta pesquisa.

Para cumprir tal empresa, empregamos insights da história das ideias praticadas por Quentin Skinner, busca-se aplicar as categorias de contextualismo linguístico, convenção linguística e atos

¹ Estudante de Graduação em História da Universidade de Brasília – UnB.
Lethiciaqc7@hotmail.com

ilocucionários ao conjunto de 1030 biografias. Utilizou-se como unidade de registro o termo “History” para a busca de títulos de obras publicadas pelos intelectuais registrados no dicionário, com a exceção daquelas obras que se referem ao naturalismo. A partir disso criou-se um banco de dados e é por meio desse que se realiza a busca das virtudes epistêmicas relacionadas a um autor para que esse possa ser nomeado como historiador.

O presente trabalho se estrutura de maneira a apresentar inicialmente e brevemente a conjuntura australiana no período e do mesmo modo descrever quem foi o autor da obra em questão. Posteriormente descreve a obra para então analisar comparativamente às biografias daquelas pessoas que foram nomeadas ou não como historiadores. Por fim, destaca as virtudes epistêmicas descritas pelo autor.

Conjuntura Australiana

Para entender o contexto em que se insere o nosso autor e as virtudes epistêmicas buscadas nessa pesquisa decidi dedicar, de modo sucinto, dois breves parágrafos a História da Austrália:

As primeiras relações entre o atual território que hoje constitui a Austrália e a coroa britânica foram consolidadas no início do século XIX. Pois apesar de, desde 1770 a coroa britânica ter reivindicado para si o direito à colônia e ter fundado dezoito anos depois uma colônia penal, chamada de Nova Gales do Sul, é somente no início do século XIX que irão aportar nesse território uma quantidade relevante de emigrantes livres. Esses irão fundar outras cinco colônias, sendo que a colônia de *South Australia*, fundada em 1836, nunca foi uma colônia penal. Foram enviados condenados para esse território até o ano de 1848 quando chega o último navio de detentos britânicos.

Assim, a partir da segunda metade do século XIX as seis colônias já passam a administrar a maioria de seus assuntos, o Instituto Colonial em Londres cuidava apenas dos assuntos referentes ao exterior, comércio e defesa, elas vivam com relativa autonomia. Em decorrência disso, somente no ano de 1901 a federação das Colônias foi realizada, após uma década de planejamento e consultas públicas, e em 1907 a Comunidade da Austrália foi criada tornando-se domínio do império britânico e permanecendo assim até os dias de hoje.

Por conta desses fatos a influência desse contingente britânico é notável e constante na Austrália no século XIX. Os equipamentos ditos civilizatórios, como instituições de ensino, igrejas,

entre outros serão majoritariamente conduzidos por pessoas de nacionalidade britânica. Entre as pessoas retratadas no *Australian Dictionary of National Biography* de 1030 biografias descritas, 47% delas são de intelectuais com origem britânica, em contrapartida 27% são de origem Australiana. Notamos por meio disso que os adjetivos que caracterizam o historiador sofrem direta influência desse contingente britânico que constituía a recente intelectualidade australiana.

Do mesmo modo ocorre quando observamos que entre as nove biografias que receberam como ocupação a definição de *Historian*, temos oito com origem britânica e somente um com nacionalidade australiana. No entanto esse irá posteriormente se mudar para Inglaterra para completar seus estudos. Desse modo é clara a influência da coroa Britânica, com sua cultura e seus conceitos, na busca de tais virtudes.

A empresa de um homem só

A obra aqui enfocada é resultado do empenho de Percival Serle, que nasceu em 18 de julho de 1871 em Elsternwick, Victoria. Foi o filho mais velho dos ingleses Walter Henry Serle e Kate Grocock, cresceu em East Melbourne e foi educado em Cambridge Street, Collingwood, State School and Scotch College. Trabalhou durante vinte anos em um escritório de seguros de vida antes de se tornar chefe de escritório e contador da Universidade de Melbourne. Escreveu durante algum tempo uma coluna literária para o jornal local e, ocasionalmente, contribuiu para o *Bulletin* e outras revistas, como também para uma coluna sobre esporte amador. Desde muito cedo demonstrou grande interesse pela arte, devotando posteriormente muito de seu tempo em galerias e estudando sobre a temática. Em 1910 ele se casou com o artista Dora Beatrice Hake.

Em 1924 Serle fundou um clube literário, que durante quase vinte anos se reunia mensalmente para discussão em sua casa, em que participaram os principais escritores de Melbourne. No sentido de uma história da poesia inacabada da Austrália e Nova Zelândia, ele compilou *A Bibliography of Australasian Poetry and Verse*, publicado pela Melbourne *University Press* em 1925. Em 1927, auxiliado por seus amigos Bob Croll e Frank Wilmot, ele produziu *An Anthology Australásia*. Ambas obras foram muito bem recebidas com grande reconhecimento. Ele foi guia-conferencista na Galeria Nacional de Victoria 1929-1938, curador do Museu de Arte da

Galeria 1934-1936, e membro do Conselho da Sociedade dos Artistas vitorianos por cerca de quarenta anos. Ele também foi presidente da Sociedade de Literatura Australiana 1944-1946.

No entanto a realização proeminente de Serle foi seu *Dictionary of Australian Biography*. Ele coletou sistematicamente informações biográficas desde 1929, mas decidiu apenas em 1939, incentivado especialmente por H. M. Green, em tentar o dicionário por si mesmo. Esse esforço resultou no *Australian Dictionary of National Bibliography*, publicado em primeira edição no ano de 1949, em 2 volumes. Apesar das limitações da empresa de um homem só, sua obra foi a principal referência por mais de quarenta anos. Destacada também por sua impressão e diagramação sendo uma das impressões mais modernas de sua época. Percival Selser morreu em casa no Hawthorn em 16 de dezembro 1951.

O seu dicionário conta em sua edição final com um total de 1030 biografias de australianos, ou homens que estavam intimamente ligadas com a Austrália, que morreram antes do final de 1942. Essa data foi escolhida pelo autor por praticamente fechar os primeiros cento e cinquenta anos de história da Austrália, pois, embora a primeira frota tenha chegado em janeiro de 1788, o primeiro navio de emigrantes, não chegou até janeiro de 1793. Até então, a Austrália tinha sido apenas um local para envio de condenados, mas a chegada de emigrantes livres prenunciou a fundação de uma nação.

Serle não é o primeiro a se dedicar a tal tarefa, anteriormente a ele há registro do empenho de pelo menos outros sete biografos. O primeiro deles é o *Australian Dictionary of Dates and Men of the Time* escrito por Sir J. Henniker Heaton e publicado no ano de 1879. Há ainda uma enciclopédia em 1881 e outro dicionário, *The Dictionary of Australasian Biography from the Inauguration of Responsible Government*, publicado em 1992 e escrito por Philip Macquarie. No entanto, Serle faz questão de destacar que as biografias de seu livro foram escritas de modo praticamente independente das outras obras. Consultando-as apenas ocasionalmente quando relacionados a um fato essencial e que sem possuir outros modos de verificação foram utilizados os dados dessas obras, isso feito, porém com as devidas referências.

O comprimento médio das biografias é de cerca de 640 palavras e o autor as divide de modo superficial em 12 grupos: o primeiro classificado como “exército e marinha” com 10 personalidade; o segundo com artistas, incluindo arquitetos, atores e músicos, com 130; o terceiro com

governantes e administradores com 50; o quarto com advogados e juristas com 59 biografias; o quinto com literatos com 137; a sexta categoria é voltada para os notórios com apenas 17; a sétima para os pioneiros, exploradores e similares com 161; a oitava para os políticos com 174; para os professores, filósofos e clérigos se obteve 76 biografias; a décima categoria retrata os cientistas, incluindo médicos e engenheiros conta com 140; a décima primeira para os reformadores sociais 53 e por último para os atletas com 13 biografias. Apenas 42 delas se referem a mulheres.

Desse modo, desde a sua introdução Seler nos aponta acerca das dificuldades sobre a seleção das biografias, argumentando que foi impossível fazer regras estabelecidas para tal empreendimento. Ele nos apresenta alguns de seus critérios de seleção no seguinte trecho:

In science, all Fellows of the Royal Society London were included, and preference was given to other men who had added something to the sum of human knowledge; in politics, most premiers of States, all prime ministers of the Commonwealth, and others who had brought forward legislation of importance; in law, most chief justices of States, and all judges of the High Court; in literature all of established reputation, or who had been highly popular, or represented in the best anthologies; in art, most artists whose work had been purchased for the leading Australian national galleries were considered to have claims.(SERLE, 1949.)

Também descreve que por vezes teve dificuldades para decidir sobre o que deveria ser considerado motivo suficiente para a inclusão ou não de uma biografia. Para tal ele recorreu a opiniões de amigos, porém nos confessa que frequentemente teve que tomar decisões quase que arbitrárias e que por isso não podemos esperar que a escolha tomada tenha sempre sido a mais acertada. O mesmo ocorre com relação a datações ou informações que apresentaram mais de uma versão em que o autor optou pelas que lhe foram mais verídicas.

Percival alerta para uma possível surpresa pelo já mencionado, elevado número de artistas e homens de letras que foram incluídos. Argumenta que a razão para isso é que muitos políticos, homens de negócios e profissionais liberais, que pareciam importantes em seu tempo, logo são completamente esquecidos. Por outro lado, os livros persistem em viver, mesmo que apenas em bibliotecas públicas, as imagens continuam a ser expostas em galerias nacionais. Argumenta ainda que é notoriamente difícil julgar o trabalho artístico e literário de sua própria geração e que se muita discriminação fosse exercida poderia ser que depois de alguns anos autores ou artistas rejeitados comessem a ser considerados de mais importância do que alguns incluídos.

O termo *Australian* cobriu vários homens e mulheres cuja conexão com a Austrália era comparativamente reduzida. Se alguém de distinção foi meramente nascido na Austrália isso não foi considerado motivo suficiente para a sua inclusão. Como regra geral, foi considerado necessário que a pessoa em questão deveria ter ficado tempo suficiente na Austrália para que sua vida tenha sido influenciada pela educação, costumes e cultura australiana. No que diz respeito a pessoas que não nasceram na Austrália, o esforço foi para não incluir nomades ou pessoas que só estiveram passagem.

O autor busca, desse modo, dar destaque a grandes pessoas e avanços que tiveram alguma ligação com a Austrália, evidenciando a importância e as descobertas feitas naquele território. Após ter a percepção de quão rápido os registros desaparecem, Serle movido por essa preocupação passou reunir informações para aqueles que decidissem futuramente compilar um dicionário com bibliografias australianas. Teve como principais fontes jornais antigos e livros de referência e em 1936 já possuía organizado e indexado cerca de 17.000 itens relacionados com cerca de 7.000 personalidades. Diante da dificuldade de preservar esses dados ele decidiu por si mesmo realizar a obra. Ao final, Serle escreve que gostaria de se dedicar mais cinco anos na elaboração da obra, porém por conta de sua idade avançada encerra o livro e evidencia que buscou ao máximo dar precisão a sua obra: “I have endeavoured to make the book worthy of its subject.” (SERLE, 1949.).

Perante o empenho do erudito Serle temos uma obra que é o resultado do esforço em conservar e dar a esses notáveis seu lugar na recente história australiana. Com uma vocação a historiador Percival investigou e coletou incansavelmente informações para dar o máximo de precisão e honrar a memória daqueles sobre os quais escrevia. Por meio disso também podemos subtender sua tentativa em destacar a Austrália como local de produção de conhecimento e ao fazer uso dessas biografias tentar destacar a recente, mas não pobre, História da Austrália.

Virtudes Epistêmicas

Ao analisar as biografias que não foram classificadas pelo autor como historiadores temos mais de 50 títulos de obras que tem em seu título o termo *History*, feitas as exceções já descritas. Separando dessa porção de análise as biografias que foram classificadas como *Historian* e analisando as que publicaram “*History of Something...*” teremos 43 biografias. Notamos entre elas uma extrema diversidade de ocupações: desde Médicos, Políticos, Filósofos, Astrônomos,

Estatísticos, Músico, Clérigos no geral, Jornalistas, Educadores, Poetas, Exploradores, Pioneiros e até mesmo um notável batedor de carteiras. Dividimos então essas 43 biografias em 3 categorias:

A primeira delas faz referência aqueles que escrevem a história sobre sua área, para manter registro ou contar como as coisas ocorreram. Por exemplo um músico, médicos, clérigos, estatístico que escreveram sobre seu labor e o momento em que viviam com relação a sua área. Temos como exemplo um patologista que escreve em 1914, para um relatório de vários procedimentos, *A History of the Medical School*. Notasse que a maioria dessas obras foram escritas no sentido de registro, mas com o foco em passar a informação para seus contemporâneos sobre suas experiências e opiniões no campo de conhecimento.

A segunda categoria faz referência aqueles que se dedicaram a escrever uma História da Austrália. É o grupo majoritário, com vinte e três biografias ao todo possui certa diversidade. Em sua maioria vão se constituir em relatos do momento histórico que esses profissionais viveram no período ou de suas experiências pessoais. Temos como exemplo os relatos dos pioneiros e exploradores. Há também aqueles livros que foram produzidos com o foco na educação, mas aqui também em um sentido muito informativo e que possuem mais valor como registro do que como obra historiográfica em si. Nota se que tais histórias foram escritas no sentido de começar a escrever os fatos ocorrido no país para quem sabe assim se manter registro da História da Austrália. Com realce aos muitos desses viajantes que após passarem alguns anos no território Australiano tinham nessas obras a possibilidade de uma renda e de prestígio, como também a garantia de que seus nomes entrariam para a história.

Porém não notamos por parte do bibliógrafo destaque a essas obras ou a preocupação em adjetivar seus autores e o modo como realizaram o trabalho. Pelo contrário, ele destaca em uma ocasião uma visão unilateral: “Both give an interesting, but somewhat one-sided view of social conditions in Australia at the end of the nineteenth century.” (SERLE, 1949.)

Ganha notoriedade o caso de George Burnett Barton, que escreve uma História da Nova Gales do Sul baseada nos registros e é descrito somente como *miscellaneous writer* (um escritor diverso) e não recebe a nomenclatura de Historiador. Provavelmente devido ao fato de sua obra ter sido produzida comissionada pelo governo. Como Barton era um jornalista e escrito reconhecido no período essa obra foi encomendada pelo estado e foi concluída apenas em seu primeiro volume,

publicado em 1889. Podemos subtender, com isso, que para se qualificar como historiador também se faz necessária uma iniciativa pessoal de empenho na escrita da história.

Há um grupo percentual minoritário de 13% que corresponde a obras diversas. Contém sete biografias que englobam as seguintes obras: *A Fragment of Irish History*, *A Comic History of United States*, *The History of Napoleon*, *History of Ireland from the Treaty of Limerick*, *Human History*, *Outline of a History of the German Language* e *The Tutorial History of Greece*. Notasse que a maioria delas não foram produzidas no período em que seus autores estiveram na Austrália e que, de modo geral, não foram produzidas por pessoas especializadas em seus temas. As biografias foram inclusas no dicionário por outros feitos notórios vinculados ao território australiano.

Ao analisar as biografias que foram classificadas pelo autor como historiadores temos apenas nove entre as mil e trinta que receberam essa titulação, todas elas se referem a homens. Dentre essas somente um é de nacionalidade australiana. Todos outros são de origem britânica. Com a ressalva ainda de que o único com nacionalidade australiana não permaneceu na Austrália e aos dezoito anos se mudou para a Inglaterra para terminar seus estudos. Notamos também que somente três deles receberam unicamente a titulação como *Historian*, os outros têm associados ainda outras ocupações como: educadores, folclorista, escritor diverso, homem do estado, jornalista e ainda um banqueiro. Ao analisar suas datas de natalidade são observadas uma grande diversidade, com um nascido 1809 até o mais novo entre eles, que nasceu em 1867.

Um ponto em comum encontrado entre eles é que quase todos deles, com exceção de dois, tiveram como foco e como uma das grandes colaborações de suas vidas atos relacionando a educação e ao ensino da história. Alguns deles chegaram a fundar, administrar e até enriquecer com a fundação de escolas. Muitos foram professores universitários e auxiliaram na criação de modelos de ensino para as universidades. Charles Henry Pearson além de lecionar na Universidade de Melbourne e em outros locais, posteriormente se engaja no meio político e prossegue se dedicando na melhoria da educação.

As duas exceções já mencionadas se tratam de: Henry Gyles Turner (1831-1920) que foi um banqueiro que após enfrentar sérios problemas na crise de 1893 e não conseguir se recuperar decide mudar de vida. Como sempre teve interesse em literatura e durante seu período como

banqueiro sempre lidou bem com a escrita acabou por tornar-se historiador. Anteriormente em 1875 já havia começado a *The Melbourne Review*, e é descrita não só como a mais longa como também a melhor revisão puramente australiana do século XIX. Ele é caracterizado como uma pessoa versátil que realizou diversos empreendimentos em vida suas obras e por ter feito suas revisões históricas de maneira excepcional. A outra exceção que encontramos é o Reverendo John West, descrito como historiador e jornalista foi também um dos pioneiros na Austrália, militou durante toda sua vida na busca de direitos e de políticas para melhoria da população local. Emprenha se em militar para o fim do transporte de condenados para Tasmânia e as colônias orientais durante muitos anos. Produziu para a igreja, também como jornalista, que resultou em algumas cartas e sermões. Escreve a História da Tasmânia, em dois volumes com grande empenho é uma obra de referência.

Outro ponto em comum entre todos eles são a ampla publicação de diversos escritos, com pelo menos uma publicação de grande relevância sobre algum tema histórico. É notável, também, uma dita especialização e foco em um tema para a maioria deles. Por exemplo, Joseph Jacobs que faz diversas publicações relacionadas a História dos Judeus.

Com exceção de Henry Gyles Turner, o banqueiro, todos recebem em suas ocupações a nomeação de historiador em primeiro lugar. Também é comum entre eles a notoriedade na escrita, descrita como excepcional em muitos casos. Além disso é destacado a escrita ou busca pela escrita imparcial. Obras que foram feitas por pessoas com vínculos políticos e outros interesses, mas que de modo geral foram reconhecidas como referências de história, não só pelo modo de escrita, mas também pela qualidade do seu conteúdo.

Destacamos a preocupação de Serle em descrever de modo especial e quase único esses historiadores e adjetiva-los de maneira positiva. Diferentemente do que ele faz em outras biografias ao final das biografias aqui destacadas o autor dedica algumas linhas a descrever e elogiar em diversos aspectos esses autores. Ele ressalta suas condutas e o modo como eram reconhecidos e admirados por seus pares. Por exemplo ao se referir a James Bonwick como amável, religioso, cheio de energia e paixão pelo trabalho. Henry Gyles Turner é descrito com boas qualidades como genial a sua maneira, calmo no julgamento e sempre razoável. O reverendo John West é descrito como homem de grande caráter, filosófico, sempre usando sua influência para o bem das pessoas.

Outro ainda como interessante, vivido e inspirador como professor, outro como possuidor de forte senso de justiça.

Como exemplo latente desses argumentos vamos apresentar brevemente um resumo da Biografia de Ernest Scott:²

Sir. Ernest Scott nasceu na Inglaterra, em 1867 e tornou-se jornalista. Trabalhou no London Globe e se mudou para Melbourne em 1892. Trabalhou em jornais locais e em 1910 publicou *Terre Napoléon*, e em 1912 *Lapérouse*. Por esses trabalhos rapidamente foi notado como um novo historiador que estava disposto a ir a uma infinidade de problemas na preparação de sua obra. Em 1913 a universidade de Melbourne abre chamada de candidaturas para a cátedra de história e ele foi nomeado. O conselho da universidade deu um passo ousado pois Scott nunca havia participado de uma universidade, porém tinha demonstrado capacidade tanto em pesquisa como professor, e o experimento provou ser um grande sucesso. Publicou diversas obras, uma enorme quantidade de trabalhos feitos por um homem que carregava ainda o dever de professor. Dedicou parte integral da vida à universidade. Scott é descrito como sincero, amável e aberto com as pessoas. Ele estava muito interessado na música, no drama e na poesia, as quais ele havia lido amplamente. Ele tinha um bom conhecimento de seu próprio assunto, e era um trabalhador diligente e rápido. Ele fez muito para trazer a história da Austrália para a vida. Nem sempre realizava o conselho que sempre dava aos seus alunos, de que eles devem "verificar suas referências" e, conseqüentemente, os erros serão encontrados em alguns de seus livros. Geralmente, no entanto, eles são em coisas comparativamente não essenciais e que foram causadas por confiando a uma memória geralmente fiável. Como regra, seu trabalho é excelente e sempre foi baseado em pesquisas de consciência. Como professor, ele foi interessante, vívido e inspirador, exigindo um trabalho árduo de seus alunos e insistindo no valor de documentos originais, além de salientar que, mesmo eles não poderiam ser cegamente aceitos. Ele tinha um interesse humano em seus alunos e nenhuma dificuldade era muito grande para ele se iria ajudá-los em seu trabalho.

²Um dos grandes achados dessa pesquisa foi localização da biografia de Ernest Scott, um metodólogo que trabalha com História na Austrália e se insere no corte temporal da nossa pesquisa.

Considerações Finais

Observamos assim que o que define o historiador na Austrália de 1949 por meio do dicionário bibliográfico é o compromisso com a escrita da História baseada na busca pela veracidade, partindo de uma iniciativa pessoal. São claramente associados a homens cultos e bem quistos socialmente, com características de notável personalidade e conduta. Essas virtudes são indicadas no dicionário por meio das semelhanças encontradas entre as biografias apresentadas e designadas como Historiadores em oposição aqueles autores que escreveram a “História de algo...” que por outro lado não receberam essa nomeação. Do mesmo modo não foram qualificadas nem reconhecidas notoriamente por tais públicas, sendo suas vidas e o motivo para sua inserção no dicionário outro diverso.

Como destacado anteriormente é notável que a preocupação de dedicação relacionada a educação também é uma virtude que agrega e qualifica o Historiador, não sendo, porém, condição necessária. Essa seria no caso a atenção e crítica as fontes, que teria garantido a escrita de uma história “verídica”. A busca pela imparcialidade também é analisada por Percival que acusa alguns de nossos historiadores de terem, em um ou outra obra, deixado se levar por suas motivações e crenças pessoais. Mas que de todo modo isso era feito de modo que é notável para o leitor e que não por isso essas obras perdem sua validade, alerta apenas que o leitor deveria tomar cuidado ao ler tais obras. Assim podemos observar que em meados do século XX esse contador com vocação a historiador já nos revela que um Historiador deve seguir métodos básicos para que sua obra tenha credibilidade e seja nomeada como tal. Além de possuir virtudes positivas, ligadas a uma boa personalidade, amplo conhecimento e busca pela verdade dos fatos.

Bibliografia

CLARK, Manning. *A Short History of Australia*. Penguin Books; 2006.

SERLE, Geoffrey. *Serle, Percival (1871–1951)*. 1988. Disponível em:
<http://adb.anu.edu.au/biography/serle-percival-8387>

SERLE, Percival. *Australian Dictionary of National Biography*. 1949. Disponível em:
<http://gutenberg.net.au/ebooks15/1500721h.html>

SKINNER, Quentin. *Conventions and the Understanding of speech acts*. *Philosophical Quarterly*, vol. 20, no 78 (1970).